



NESISCTE

SOCIALIS

JORNAL DO NÚCLEO DE ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA DO ISCTE-IUL

1ª EDIÇÃO - JUNHO DE 2018

ISCTE - INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

EQUIPA DO JORNAL SOCIALIS

BEATRIZ DE CARVALHO

CATARINA PAIS

EDUARDO SILVEIRA CABRAL

FILIPA COSTA

RODRIGO RUFINO

TIAGO TECELÃO

EQUIPA DE DESIGN

JESSICA COSTA

SARA MELIM

Aos estudantes de Sociologia e
apaixonados pela leitura.

ÍNDICE

03	SOBRE A COMISSÃO INSTALADORA CARLA RAMOS E PAULA CIONI	6
04	ALGUMAS ATIVIDADES DO MANDATO	7
OPINO EU, OPINAS TU		
05	SER MAIS ESTUDANTE, MENOS ALUNO! MIGUEL FILIPE	13
06	SOCIOLOGIA POPULAR BEATRIZ DE CARVALHO	15
07	FUNDAÇÃO QUE NOS AFUNDA MATEUS SADOCK	17
08	ALGO MAIS THE BRAIN	18
09	A PERSPETIVA DA SOCIOLOGIA E A SUA UTILIDADE JOÃO LOPES	19
10	LICENCIADA, E DEPOIS? JOANA MONTEIRO	21
11	ENTRE ESTUDAR E APRENDER SOCIOLOGIA LEANDRO MOURA	23
12	SITUASÓN POLITICA DI GUINE BISSAU ELCABRAL ELCITO	24

ÍNDICE

13	A NOVA REITORA ALEXANDRE FERNANDES	26
14	AMOR NANDO	28
15	CONTRIBUTOS PARA A PRESERVAÇÃO DA NOSSA CASA COMUM GABRIELA CALDEIRA	29
16	A 13 DE MAIO... VINTE&UNO	32
17	TOURADAS CAMILA PEIXINHO	35
18	PUTIN TIAGO TECELÃO	38
19	VÍCIOS O CORVO	42

ACRESCENTA UM PONTO

20	CARNE E OSSOS JOSÉ VEIGA	44
21	DEPOIS DA CALÇADA TAMBÉM HÁ PEDRAS RODRIGO RUFINO	45

ÍNDICE

PASSA-O-TEMPO

22 **BANDA DESENHADA** 49
INÊS CALDEIRA & TIAGO TECELÃO

23 **MEMES SOCIOLÓGICOS** 49

SOBRE A COMISSÃO INSTALADORA

A Comissão Instaladora foi uma equipa constituída em 2016, de forma voluntária, por 7 alunos de Sociologia e 1 de Ciência Política (com formação completa em Sociologia), nomeadamente: Beatriz de Carvalho, Carla Ramos, José Veiga, Maria do Mar Rafael, Miguel Filipe, Paula Cioni, Paulo Costa e Sara Melim.

Esta comissão teve como principal objetivo a instalação do núcleo, que envolveu as seguintes tarefas: a elaboração de três documentos regulamentares (Estatutos, Regulamento Interno e Regulamento Eleitoral); a realização de uma Assembleia Geral de Membros, com vista a aprovação desses mesmos regulamentos; e assegurar as primeiras eleições do núcleo. Realizaram-se, aproximadamente, 20 reuniões, e todos os objetivos da Comissão Instaladora foram atingidos. O Núcleo ficou registado, oficialmente, no dia 1 de junho de 2017.

A Comissão Instaladora (CI) decidiu criar um núcleo de Sociologia com o objetivo de todos os estudantes que neste momento se encontram a frequentar o curso possam usufruir de uma representação nas suas mais variadas vertentes, naquilo que é a defesa dos seus direitos e interesses. A CI considerou também necessária uma divulgação adicional para as camadas mais jovens acerca do que é esta ciência social, nomeadamente a partir de colóquios, conferências, seminários, entre outros, onde sejam abordados assuntos relacionados com a Sociologia e outras áreas científicas (promovendo a multidisciplinariedade).

Para além de informação difundida, também quisemos fomentar uma maior participação dos estudantes na investigação desenvolvida pela Universidade, principalmente pelo CIES-IUL, e naquilo que é o associativismo jovem.

Um projeto que começou com o objetivo de propagar a Sociologia e, um ano depois, a comissão sente-se satisfeita por ter dado este passo não só na vida de cada um de nós como da nossa instituição e da Sociologia em Portugal.

Texto adaptado do Relatório de Atividades do ano letivo 2016/2017

Carla Ramos e Paula Cioni – Membros da Comissão Instaladora do NESISCTE

ALGUMAS ATIVIDADES DO MANDATO

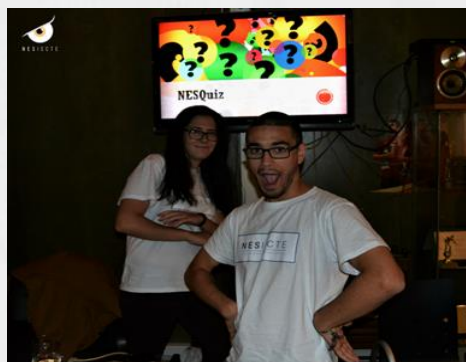
RECEÇÃO AO ESTUDANTE



WELCOME SESSION



QUIZZ



JANTAR DE CURSO



NOITES SOCIOLÓGICAS



WORKSHOPS SECUNDÁRIO



VOLUNTARIADO: PORQUE NÃO?



ORDENS INICIÁTICAS



JORNADAS E SUNSET



CONFERÊNCIA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL





OPINO **EU** , *OPINAS* **TU**

SER MAIS ESTUDANTE, MENOS ALUNO!

Na universidade muito se fala do empreendedorismo, da proatividade, da inovação, do associativismo, etc. Seja qual conceito que refiram, a mensagem é sempre a mesma: de que devemos mexer e arriscar, tanto em ter ideias, como em concretizá-las. No entanto, em termos numéricos, a meu ver, não há uma grande adesão de jovens universitários a projetos, movimentos, associações ou outro tipo de atividade.

Muitas vezes, estes conceitos confundem-se ou acabam por originar uma enorme competição entre colegas, em vez de haver uma maior cooperação e organização de toda a comunidade estudantil. Mas esta questão poderá ficar para outro artigo.

Há alunos e há Estudantes, mas deveria haver mais estudantes que alunos. Ser aluno nada mais é que ir às aulas, sair a horas, fazer sempre a mesma rotina diária, ser conformista, e que origina todo o desconforto e crítica negativa, pouco construtiva, em relação à universidade, uma instituição crítica e dinâmica. Enfim, é ser o mesmo que se é no secundário. Ser Estudante, por sua vez, é ir além das aulas, é envolver com a universidade, com Estudantes de outros cursos, é trocar e desenvolver ideias, é organizar atividades e, principalmente, participar ativamente nas questões estudantis. No fundo, é sonhar com os olhos abertos. O aluno é inerte, é pessimista, é apenas mais um entre muitos outros. O Estudante é ativo, é otimista, destaca-se, sacrifica-se em prol de um bem maior e, essencialmente, ajuda os outros a superarem-se e a serem cada vez melhores.

Claro que não devemos dogmatizar esta ideia. Se formos totalmente rigorosos, ninguém é totalmente aluno como ninguém é totalmente estudante (podemos ver antes como possíveis perfis sociais). No entanto, arrisco-me a afirmar: há uma maior tendência para o primeiro que para o segundo.

O caminho para se ser Estudante só precisa de três coisas: vontade, capacidade de sonhar e capacidade de lutar. As outras soft skills baseiam-se nestas primeiras. E há muitas formas de alguém ser estudante, basta saber agir e unir-se a outros estudantes, que muitas vezes estão mesmo ao nosso lado. O próprio núcleo foi um projeto que envolveu 9 Estudantes que idealizaram como seria uma associação representativa dos Estudantes de Sociologia, criando todas as bases necessárias para o seu funcionamento. Por sua vez, outros Estudantes organizaram-se e decidiram criar listas para direcionar o núcleo no ano seguinte, criando outros projetos através da associação e permitindo a “produção” de mais Estudantes. Hoje, um projeto que começou com 4 estudantes, que evoluiu para as ditas 9, concretizou-se e é dirigido por 19 Estudantes, tendo o apoio de 9 Estudantes como colaboradores e outros tantos que aderem às atividades criadas por este grupo de estudantes, quase como uma bola de neve. Nenhum aluno conseguiria fazer isto, aliás nunca conseguirá mudar nada ou fazer nada que o mínimo das suas obrigações académicas.

É verdade que a nossa posição social, como a classe a que pertencemos, e todas as nossas influências sociais acabam por determinar os nossos recursos (ou capitais, na linguagem de Bourdieu). Mas cabe a cada um conseguir organizar esses mesmos recursos e contribuir nos projetos que idealiza e participa. Por outras palavras, o Estudante consegue encontrar a melhor estratégia para potencializar o contributo que pode oferecer.

Tu, que lês este artigo, no jornal do NESISCTE, já estás a ser também um. Mas manteres o estatuto de Estudante é saberes que nunca deves deixar de sonhar e lutar pelos projetos que te interessas, e que nunca deves abandonar a tua universidade e tudo o que ela tem para te oferecer. Sê Estudante, nunca aluno!

Miguel Filipe

SOCIOLOGIA POPULAR

Quase no fim do terceiro ano de licenciatura deparei-me com uma situação caricata ocorrida na marcha do 25 de Abril. Estava com um grupo heterogêneo de pessoas que discutiam política, e outras coisas que tais, até que, ao cabo de uma discussão ideológica, tive que me defender dizendo: “É bom lidar com pessoas de diferentes círculos sociais para aumentar o meu capital social.”, em tom jocoso.

O que fui eu fazer! De facto, são várias as definições de capital social de acordo com a ciência que está a utilizar o conceito, contudo, as pessoas conotaram, pejorativamente, o mesmo às condições económicas de cada indivíduo. Rapidamente me justifiquei, dizendo que é um conceito muito usado em Sociologia, tais como outros tipos de capital defendidos necessariamente por Bourdieu (mesmo sabendo da evolução do conceito e múltiplas análises possíveis).

As reações foram bastante curiosas: “Que horror! Capital social! Como se fossemos ‘coisas’ que se adquirem...”, “Realmente, gostam sempre de nos categorizar! Não sou produto do capitalismo!”. Tentei explicar a importância da categorização de indivíduos e da análise dos padrões na Sociologia e porque é que usei o conceito em questão, contudo, isso não as moveu de fazerem reclamações e queixas acerca da vontade de rotulação das elites que controlam o sistema político e económico. Sim, porque apesar de eu dizer que estava a usar linguagem científica, o sentido de categorização nela inerente fê-las achar que seria linguagem do poder que se distanciava daquilo que são as necessidades dos cidadãos, de modo a manipulá-los. “Nós não somos indivíduos, somos pessoas. Merecemos respeito!”. Toda esta discussão, apesar de acesa, não teve qualquer impacto negativo na nossa camaradagem, ou não tivéssemos, dias depois, voltado a encontrar-nos com sorrisos na cara e com vontade de debater outros assuntos.

O ponto aqui é que eu errei na abordagem. Falei, talvez por força do hábito, de uma forma que pode ser considerada presunçosa e fora de contexto. Contudo, entendi, pela reação às palavras que proferi, que a Sociologia é vista de maneira deturpada. Ora, por mais que eu explicasse o significado do conceito (ou outros) o repúdio que as pessoas nutrem pela aparente forma de estudar os fenómenos sociais é visível. Pela falta de visibilidade da Sociologia como ciência credível e por falha de comunicação entre os que a estudam e os que não a conhecem. É sabido que a culpa é, em parte, daqueles que em ciências biológicas e tecnológicas decidem perpetuar o preconceito, mas também dos sociólogos que continuam a ter uma abordagem fechada e distanciada do restante público que é leigo para os problemas da Sociologia. *Mea culpa*, a apropriar-me de hábitos antigos, aparentemente. É-nos ensinado, ao longo do curso, que a “Sociologia é o que os sociólogos fazem”, pelo que a importância de uma abordagem pedagógica (mas não condescendente) e aberta à população no geral por parte dos sociólogos, é, na minha opinião, fundamental.

Ao nível dos olhares danosos para a Sociologia, temos, por um lado, quem olhe para a mesma como essencialmente neutra, pelo que pode considerar fulcral uma isenção de crítica na mesma - tornando-a cinzenta - mas também quem esteja no extremo oposto e olhe para esta ciência como um meio de confirmar as conclusões que já obteve de antemão. Ambas as visões fragilizam uma ciência que continua a lutar pela credibilidade. Ainda assim, há quem olhe desconfiadamente para a Sociologia não como ferramenta disruptiva, mas como parte do sistema de poder, e é esta última visão que penso que seja pertinente observar e analisar. Lanço o repto.

A população fora do meio académico olha para nós com desconhecimento porque a acessibilidade passa pela intelectualidade difícil de alcançar, e não pela difusão das consequências positivas dos estudos das ciências sociais. Quer se decida ter uma perspetiva mais weberiana ou marxista da Sociologia, é urgente fazer chegar o que fazemos a quem de nós só vê o que o senso comum, com a devida importância e respetivo lugar, disponibiliza. Para formar o senso comum contribuem os *mass media*, dos quais as redes sociais, neste momento, revelam um grande peso na disseminação de informação. É curiosa a quantidade de estudos “sociológicos” acerca de tudo e coisa nenhuma que visualizo diariamente, e análises e comentários feitos por sociólogos com cursos tirado na “Universidade da Vida”. Fico cansada pela quantidade de falsa informação que circula, e continuo a não ver uma resposta à altura dos sociólogos perante esta consequência da sociedade da pós-verdade.

Penso que uma formação da Sociologia nas escolas é imprescindível para um conhecimento mais consistente e detalhado da sua definição e função, de maneira a que todos tenham acesso a esta ciência sem filtros mediáticos e em pé de igualdade com ciências de outros ramos. O que, obviamente, só alcançaria os resultados esperados se fosse ensinada por docentes com formação na área. Para além disso, a criação de novos métodos de expansão não só da linguagem científica, mas como dos objetos analisados sociologicamente é emergente. Sessões abertas ao público com sociólogos no painel, por exemplo, ou idas a programas mediáticos desmistificar o que está nebuloso quanto às ciências sociais ainda na sociedade de hoje. É bastante importante, também, a força dos jovens estudantes que renovam não só o conhecimento científico com novas ideias como conseguem transformar a *doxa* académica sempre nalgo mais adequado para os tempos que lhes correspondem. Ainda assim, continua a ser insuficiente, pois ainda há as falhas supracitadas a colmatar.

Por fim, julgo que o sociólogo devia promover a Sociologia Popular transformando a sua linguagem elitista numa mais acessível. Porém, sem cair na falsa Sociologia do senso comum, apenas aproximando-se deste. Esclareço apenas que não pretendo eliminar os conceitos já existentes, quão absurdo isso seria... mas sim desabafar, em tom de texto reflexivo, como a abordagem deve ser contínua e não momentânea, percebendo que se não for dessa maneira a Sociologia continuará a ter o estigma associado, o que evidentemente dificulta *a posteriori* a investigação sociológica e respetiva evolução e dinamização.

Beatriz de Carvalho

FUNDAÇÃO QUE NOS AFUNDA

Conselho de curadores. É o órgão do ISCTE responsável por “aprovar os estatutos do estabelecimento de ensino”, “nomear e destituir o conselho de gestão” e “proceder à homologação das deliberações do conselho geral de designação e destituição do reitor”, entre outras competências.

E quem faz parte deste órgão? Cinco homens. O presidente é Carlos Ferreira – presidente do Conselho Estratégico Internacional do Millennium BCP. De resto, António Costa Silva – ex-governante do PSD, ex-presidente do conselho executivo de várias empresas, ex-administrador da EDP e atual presidente do Conselho Económico e Social –, António Saraiva – presidente da Confederação Empresarial de Portugal, representante do patronato –, António Vitorino – ex-deputado e governante do PS – e Fernando Medina – PS, presidente da CML.

Nenhum destes membros tinha qualquer relação com o ISCTE antes de fazer parte do conselho de curadores. Não foram eleitos democraticamente, os seus cargos são incontestáveis e as decisões que tomam não passam por escrutínio da comunidade. É a “universidade-fundação” em funcionamento. Que interesses servem estes “curadores”? Os interesses das e dos estudantes que têm que pagar propinas proibitivas? Não, certamente. Os interesses do pessoal docente? Considerando a percentagem de professores com contratos precários (já chega a cerca de um terço) e o aumento das desigualdades salariais que se tem verificado com particular evidência nas universidades com o regime fundacional, arrisco que também não.

Este modelo equivale a uma privatização camuflada das universidades, sugando-lhes a democracia interna, ignorando os interesses de quem as faz e deixando-as sob controlo das empresas.

Mas não tem que ser assim. Uma universidade justa e democrática, pensada por todas e todos nós em igualdade, é possível – e um dos passos necessários para isso é acabar com a fundação. Se uma universidade sem estudantes não faz sentido, porque aceitamos que nos ignorem?

Mateus Sadock

ALGO MAIS

Diverso é o conhecimento que um ser humano tem ao longo da sua vida, sendo, na maioria das vezes, essencial para o seu sucesso e estabilidade como a maioria das pessoas o define (que está quase sempre ligado à vertente financeira). Isto acontece, à vista da maioria das pessoas, da seguinte forma: um indivíduo estuda a ponto de conseguir o ingresso numa licenciatura ou curso profissional que irá oferecer conhecimento e competências que permitem que este seja devidamente remunerado a exercer determinada função. Este conhecimento é o tipo de conhecimento subentendido quando se utiliza a palavra conhecimento. No entanto, o que determina o sucesso que alguém tem ao longo da sua vida e nas mais diversas áreas desta, é um conhecimento que muitas pessoas desconhecem nem nunca irão conhecer ao longo da sua vida. Este é um conhecer de cariz universal, no sentido em que engloba o saber acerca do funcionamento das leis universais. Isto é, a forma como o universo funciona explicada de forma lógica. Sabendo a forma como o universo funciona, oferece o poder de conseguir manifestar na realidade onde se vive todas as suas vontades. Por exemplo, existem pessoas com um tipo de formação superior sendo, desta forma, altamente qualificadas, que se encontram na bancarrota (o que as torna pessoas com um conhecimento popular bastante elevado, no entanto não abundam de sucesso financeiro) e, ao mesmo tempo, existem pessoas sem quaisquer tipos de qualificações elevadas que são milionários. Todos nós com certeza conhecemos casos práticos que ilustram esta situação ou, caso não conheçamos, existe o acesso a essa informação se for de interesse pesquisá-la. Dado isto, podemos chegar a uma conclusão, o conhecimento popular (isto é, o tipo de conhecimento que se subentende quando se fala em conhecimento) não é assim tão determinante no sucesso de um indivíduo, apesar de aumentar essas probabilidades, é algo que em nada é determinante.

Porém, existe algo que se provou ser um forte determinante de sucesso, que é, nada mais nada menos, que o conhecimento universal, ou seja, a forma como uma pessoa age, as suas crenças, os seus pensamentos, bem como todo o conhecimento que permite ter competências acerca da lógica universal dos acontecimentos. Isto podendo ser verificado e comprovado, é a característica comum a todas as pessoas bem-sucedidas, sendo que muitas delas agem e pensam da forma correta e fazem-no sem saber o quão correto está e o que realmente estão a fazer que lhes está a trazer tanto sucesso.

The Brain

A PERSPETIVA DA SOCIOLOGIA E A SUA UTILIDADE

Desde que comecei a estudar sociologia que me debato com uma definição para ela, e falar no “objeto” da sociologia sempre me fez alguma confusão por parecer traduzir uma noção de posse exclusiva detrimental à cooperação entre disciplinas, que é fundamental. As relações sociais, o tal “objeto” da sociologia, também podem ser estudadas pela neurociência, antropologia, biologia, psicologia, economia, entre outras. Assim, é errado passar a impressão de que as várias ciências são donas de determinados campos de estudos; no entanto, falar em “objeto” de uma ciência abre portas a essa interpretação errada. Talvez seja mais claro, acertado e útil falar em perspectivas: em vez de as relações sociais serem o “objeto” de estudo da sociologia, podemos dizer que a sociologia estuda a realidade a partir da perspectiva das relações sociais, tal como a economia estuda a realidade a partir da perspectiva da produção/distribuição de bens/serviços, por exemplo. Como a variedade de perspectivas enriquece a compreensão da realidade, o papel da sociologia é também contribuir para essa riqueza interpretativa. As várias ciências são, em última análise, uma única ciência, fragmentada por questões práticas e históricas, e uma conceção fechada de qualquer uma delas produz conhecimentos muito limitados sobre a realidade.

Assim sendo, também era positivo acabar com um certo clubismo - implícito e explícito - com que por vezes se vê os cursos e que me faz lembrar a praxe. Esse clubismo parece atravessar muitos discursos e práticas, pois é tido quase como senso-comum que uma das funções de um(a) sociólogo(a) é “engrandecer” a sociologia enquanto ciência. O problema disto é que pressupõe a sociologia como um fim em si mesma e não como um meio para perceber e/ou melhorar a sociedade, para além de reforçar uma lógica de competição entre cursos quando isso não faz sentido nenhum. Para mim a ciência é como uma caixa de ferramentas e a sociologia uma chave de fendas. Que sentido faria um carpinteiro trabalhar “pela chave de fendas”?

Por outro lado, é necessário reconhecer que as ciências sociais são colocadas de lado por uma narrativa económica anti igualitária cuja legitimação moral se baseia precisamente em desvalorizar a importância das relações sociais, e nesse sentido acho positivas todas as iniciativas de resistência e crítica perante essa desvalorização.

Outra grande questão que frequentemente pergunto a mim próprio é “para que serve?”, e a resposta é ainda mais subjetiva. Para além de contribuir para uma diversidade de perspetivas, a sociologia serve para imensas coisas e cada uma mereceria um só artigo, portanto vou focar-me na que mais me interessa: uma sociologia crítica, que para além de desconstruir assunções é um instrumento de mudança. Como é que ela pode fazer isso? Ajudando a perceber que qualquer mudança numa sociedade não é apenas uma questão simples dependente da vontade individual, mas que é necessário levar em conta vários fenómenos criados e reproduzidos pela interação das pessoas umas com as outras, como são exemplos: dependências que fazem com que um(a) subordinada/o tenha mais cuidado com o que diz e faz; privilégios que uma pessoa privilegiada pode não querer perder; sistemas de crenças que, por darem sentido às vidas sociais, podem gerar desde desconforto até agressividade se forem destruídos ou simplesmente criticados; instituições que tendem à auto-perpetuação, mesmo que não se justifiquem; certas práticas que aparentemente têm uma função mas na verdade cumprem outra, o que as torna muito resilientes e adaptáveis a diferentes contextos; preconceitos e estereótipos que produzem profecias auto-realizáveis (ou seja, não sendo necessariamente verdadeiros, fomentam situações que os criam efetivamente e reproduzem) e por isso, se não forem abordados vão-se perpetuar; grupos sociais que, quando acham ter recursos escassos, podem criar ou reforçar uma ideia de “Nós vs. Outros”, visto que estar num grupo aumenta as chances de sobrevivência; entre muitas outras questões. No fundo, as transformações sociais envolvem, por definição, muitas pessoas que são socializadas e interiorizam a sociedade de maneiras diferentes, e por isso uma transformação social tem vários requisitos. A relações sociais não se estabelecem e reproduzem numa folha em branco, mas num complexo entrelaçado de perceções, expectativas, privilégios, interesses, etc, e é útil ter em conta que por vezes é preciso fazer “trabalho de formiguinha”. Estudar sociologia fez-me apurar essa noção.

João Lopes

LICENCIADA, E DEPOIS?

Segundo a própria Constituição Portuguesa, artigo nº74 para ser mais clara, “Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar (...)”, ou seja, o ensino é um direito de todos os cidadãos assim como a igualdade no acesso ao mesmo. Mas agora vamos voltar à realidade Portuguesa e pensar, todos conseguimos estudar? Não, infelizmente só tem essa oportunidade quem tem possibilidades económicas para tal, ou quem tem a sorte de conseguir umas bolsas e ajudinhas do Estado, mas isto não cobre nem um terço dos cidadãos que adorariam formar-se e tornar-se cultos em certa área de conhecimento, e ter algumas destas oportunidades igualitárias que nos são muito mal prometidas.

Neste momento, a escolaridade obrigatória é até ao 12º ano ou até aos 18 anos de idade. Nesta etapa, os alunos fazem uma grande escolha, ou vão para escolas com cursos especializados e começam logo a tentar a sua sorte no mercado de trabalho mais precocemente, ou fazem o trajeto que permite a consequente entrada no ensino superior passado uns anos, os chamados cursos linguístico-humanísticos, em que no final do 12º ano somos obrigados a fazer os temidos e injustos exames nacionais que avaliam toda a matéria do ensino secundário, e que decidem o nosso futuro enquanto alunos do ensino superior e futuros trabalhadores. Passada esta fase de stress e estudo dos exames, vem o pânico da escolha e entrada no curso e faculdade que muitas vezes não é o que queríamos, mas sim o que foi possível.

De qualquer modo, sobrevivemos a esta fase tão extenuante e entramos finalmente no sonho da vida académica. Sim, é isto que todos pensamos quando chegamos a faculdade, mas depois começa toda uma reviravolta, acompanhada com uma boa dose de pressão e de dúvidas sobre o que estamos a fazer com a nossa vida futura para a qual estamos a investir. Posteriormente e com mais calma, apanhamos o jeito para a vida universitária, que muitas vezes se tornam os melhores anos da nossa vida, e quando damos conta, somos finalistas. E agora? Agora vou arranjar trabalho? Vou continuar a estudar, um mestrado talvez? Aqui voltamos novamente à espiral de pensamentos, preocupações e decisões importantes. Pensávamos mesmo que tudo estava mais calmo, e garantido, mas não temos mercado de trabalho para tal ser possível.

Nova fase, fim da licenciatura. Chegou a altura de pesquisar os mestrados que as faculdades têm para nos oferecer, possibilitando a especialização na área que pretendemos. Uau, mestrados acima de 5.000€, como é possível? As poupanças de uma vida inteira dificilmente chegam para cobrir esse valor de propina, quanto mais os transportes, e digamos que assim mal sobra algum dinheiro para comer o famoso esparguete com atum o mês inteiro. Voltamos aqui ao mesmo de outrora, onde está a igualdade de acesso ao ensino para todos? Ela teoricamente existe, mas o Estado não tem meios para suportar tal coisa. É sabido que neste momento a economia do país não é capaz de acompanhar as necessidades dos alunos universitários, mas, questiono-me se não deveria ser uma maior preocupação? Afinal de contas, somos nós o futuro do país e até do mundo.

E para terminar, deixo uma questão para os atuais e futuros alunos universitários, o que vão fazer quando forem finalistas?

Votos do maior sucesso académico a todos,

Joana Monteiro

ENTRE ESTUDAR E APRENDER SOCIOLOGIA

Inúmeras vezes nos perguntamos se estamos no curso certo, ou se realmente estamos a estudar aquilo que de facto nos fará sentir realizados aquando do término da Licenciatura e consequente entrada no mercado de trabalho.

Estas perguntas são completamente legítimas e para além de nos levarem à reflexão, levam-nos a questionar as condições estruturais a que estamos sujeitos. De facto, esse é o primeiro passo para a reflexão sociológica e para além disso o primeiro sintoma do aprendiz de sociologia. A Questão leva à reflexão e problematização, entre condições estruturais e ação. Todos os alunos de sociologia estudam tais premissas e teorias, mas nem todos se dão conta da sua potencialidade. Estudar sociologia, no sentido mais lato, poderá, no limite, não significar a sua aprendizagem efetiva. Por isso, apelo a todos os meus colegas que se deem conta desta diferença e que façam os possíveis para aprender Sociologia, não se limitando apenas a estudá-la. Deem-se conta das suas potencialidades e considerem-se aprendizes, não apenas estudantes de Sociologia. Tenho dito.

Leandro Moura

SITUASON POLITICA DI GUINE BISSAU

Pa papia de politica de Guine, i pricis tene bom mimoria ku coragem pabia kusas passa tchiu na ki terra, ku ate aos ninguim ka capas de sibi explica i pa utrus ita malgos lembra, pabia ate aos pobis na vivi na miseria sistema politico ka capaz de da resposta a responsabilidade ku e nkumbidu pa pobis e rabida e fasi propi pobis refem di se jogos di nteres.

Disna ku independencia dado na kil terra na 1973 ku bim oficializadu na 74, ate aos pais na vivi inda na um massacre de politica sim bom geston ku administrason, dipus di independencia povo acredita kuma PAIGC i capaz de da respostas a massacre ku e na vivi ba na mom de colonialismo portuguis, mas kusas sai elis rebes, pabia dipus di independencia politicos ku combantes de liberdade de patris sai mal preparado de mato pa toma administrason de pais na mom de colons, porki propi ditos politicos ku combntntes ka ntindi ate aos, ou mindjor tudo djintis misti poder, mas um i certo si e misti ba poder pa bem comum tudo bem, mas maioria delis misti poder pa eriquici mais rapido ku se familias.

Logo na 14 de Novembro de 1980 i dado um golpe de Estado pa Presidente General Joao Bernado Nino Veira, pabia na altura Luis Cabral ki era Presidente, Guine ku Cabo verde i era so u, pais, dipus de gope de Estado de 1980 cabo berdi dissidi toma se rumo elis som, pa um parti i bom pa Cabo Berdi, pabia aos i um pais modelo di democracia na Africa, kusa ku Guine ka consegui nim tchiga na kalkanhada, aos Cabo Berdi i pais em vias de deimvolvimento ou si nka iara subdisinvolvido, Guine continua na cedu gasidjadu pa golpes de Estado, ku guerinhas politicas.

Dipus de golpe de Estado de 1980, i bim parci um conflito Militar 07 de Junho de 1998, entri Brigadero General Ansumane Mane ku General Nino Veira, conflito ku dura 11 meses, dipus i bim tem eleison ku ganhado pa PRS ki segundo partido ku mas tene forsa, mas na mesmo mandato kusas ka kuri drito administrason de Pais sta ba mal, povo na passa ba ate fome, i bim dado golpe Militar mas um bias, manga de golpis tras de nghuru toku npirdi konta, dentro de governo de PRS, no tene mais de 4 Ministros ku nomiadu na frason de um ano i tal de mandato sim nka ngana, toku pais bim entra na problema ku comunidadi Internacional, pabia de manga de incomprimento suma um Estado de Direito.

Dipus de golpe Militar, i formadu governo de unidade Nacional, ku administra Pais, ate nobu eleison, ku bim nganahadu pa PAIGC di nobu, nunde ku Malam Bacai Sanha sai suma vencidur ku Carlos Gomes Juniro, na mandado di es 2 djintis i bim dado mas Golpe de Estado, nde ku Carlos Gomes Juniror tirado, mas um bias i formadu governo de unidade nacional, pa administra Pais, ate ultimos eleison ku bim ganhado mas pa PAIGC, nde ku Domingos Simoes Pereira ku Jose Mario Vaz sai suma vencidor mas um bias pa Parti de PAIGC.

Pior de tudo, nes 2 djintis povo sinti ba kuma i tchiga hora de Guine ranca rumo a desenvolvimento pa disa tudo kil ku passa pa tras, pa compri ku meta de 2022, (ku cedu pa alguns paises consegui sai pelo menos na extrema pobreza), mas es tona sai pobis arabes, propi PR ku PM, de mesmo partido entra na um consuson, i fasi konki pais para tris ano, AR fitchado, administrason de pais para, conflitos kada dia ku sol na mansi, acisason riba de acusason, acordos na assinado, mas i kana cumprido um grande problema ku nim um povo di Guine ka pudi explica sintido rial des conflito.

Na momento, e consegui dja abri AR, toku e fasi dja prumero plenaria, gosi e nomia dja um governo ku na administra pais ate Eleison ku em previsto i na fasidu na Novembro des ano.

Elcabral Elcito

Nota: Texto escrito em Crioulo da Guiné-Bissau

A NOVA REITORA

A Professora Maria Lurdes Rodrigues foi eleita reitora do ISCTE para os próximos quatro anos.

É importante referir que a escolha da Professora Maria Lurdes Rodrigues será uma mais-valia para o curso de Sociologia e para a ESPP no geral, sendo importante destacar o seu trabalho enquanto docente e investigadora desta instituição ao longo dos últimos anos.

Enquanto estudante de Sociologia penso que o principal trabalho da equipa reitoral se deve focar na valorização igualitária de todas as escolas integrantes da comunidade académica, não hierarquizando as mesmas por questões meramente ideológicas.

Parece-me prioritário que os elementos das diversas escolas integrantes do ISCTE não se sintam discriminados, pois todos os cursos e todas as escolas são de elevada importância para a instituição e todos necessitam de valorização, apoio, proteção e reconhecimento de igual forma, partindo do pressuposto de que o nosso objetivo coletivo se centra no sucesso do ISCTE, enquanto instituição de mérito e de prestígio no seio das diferentes Academias nacionais.

No entanto, é inevitável constatar que existe um enorme défice democrático na comunidade do ISCTE e isso leva-nos a abordar a composição do Conselho Geral (doravante, CG), órgão de definição do desenvolvimento estratégico e de supervisão que elegeu a atual reitora, como também destacar a falta de democracia participativa para tais decisões tão cruciais para o futuro da nossa instituição.

O CG é composto por 33 elementos, 17 representantes dos professores/investigadores, 10 personalidades externas, 5 representantes dos estudantes e apenas um representante dos auxiliares não docentes e não investigadores.

Os cinco estudantes do CG foram eleitos por 10% de estudantes, sendo que a última eleição teve uma abstenção esmagadora (cerca de 90%), contudo foram esses mesmos estudantes que votaram para eleger a nova reitora em, ou seja, num total de cerca de 9000 estudantes, apenas aproximadamente 900 participaram neste processo eleitoral.

Está claro que um dos problemas é a elevada abstenção. Urge, pois, refletir e apontar algumas das suas graves causas: (1) a falta de ativismo estudantil; (2) a falta de interesse dos estudantes pela universidade e pelas decisões que se tomam; (3) a desacreditação por parte da comunidade considerando que a sua opinião não fará diferença e, por fim, (4) o distanciamento dos órgãos de poder das bases do ISCTE, onde muitas das vezes a comunicação para “o exterior” é insuficiente.

No dia que antecedeu as eleições para o novo reitor, todos os candidatos apresentaram o seu plano de ação e apesar da entrada ser livre, apenas os elementos do CG podiam colocar questões. Questiono, portanto, se as centenas de docentes e investigadores, as centenas de auxiliares, bem como os alunos que estão todos os dias no ISCTE, não deveriam ter tido a oportunidade de colocar questões, de explicar os seus anseios e dúvidas, de partilhar uma perspetiva individual (e muitas vezes coletiva) sobre a instituição universitária que frequentam e, principalmente poder discutir o plano de ação para o futuro.

Eventualmente não seria possível apenas com uma sessão, nem podia ser na véspera do ato eleitoral, mas não será impossível colocar a democracia participativa como prioridade nas relações entre a equipa reitoral e as bases da faculdade num futuro próximo?

Não tenho qualquer dúvida ou pudor em afirmar que mais democracia participativa traz benefícios para todos os que integram o ISCTE.

São as bases a força motora de qualquer instituição e é a elas que deve ser dada a primazia no levantamento de questões e na participação ativa nas decisões da faculdade.

É desta dialética de proximidade entre a equipa reitoral e as bases, que permite aos órgãos decisores ter uma perspetiva geral dos anseios da comunidade estudantil, auxiliar e docente o que, consequentemente, facilitará o processo de tomada de decisão.

É esta cultura de proximidade que espero que a nova reitoria cultive no seio da nossa comunidade.

Alexandre Fernandes

AMOR

O importante a reter é que o amor é muitas vezes demonstrado, não pela forma que queremos, mas sim pela forma que conseguimos adequar, não só ao momento, como também à pessoa em causa e ao sentimento em si, muitas vezes esse modo de mostrar o sentimento é o que nos foi transmitido. O nosso papel enquanto humanos é encontrarmos uma forma adequada para transmitir esse sentimento, e sermos fiéis e verdadeiros a essa forma e a nós próprios. Lembro-me bem que para a minha mãe - primeiro amor da minha vida, e talvez dos poucos - o amor era a simplicidade da companhia da pessoa e do facto de esta ter a consciência que independentemente das circunstâncias esse amor estará sempre lá, assim como o apoio e a motivação incondicional. Por isso sei que tudo o que a minha mãe fez por mim, foi por amor e para o melhor, obrigado mãe, por isto e por tudo o que fizeste por mim, pelos meus irmãos e pelos outros. E também sei que tudo o que fizeste não foi por reconhecimento ou outra coisa qualquer mas sim pelo AMOR que tens a nós, os teus, e só teus! Para mim o amor não é só o mostrar do sentimento através de gestos ou palavras, é também a "rega" desse mesmo sentimento, com um pensamento, uma mensagem e com a companhia da pessoa. Não me posso esquecer que a grande parte desse sentimento pode ser 'mostrado' só com ações, mesmo com as conversas e as companhias serem poucas, mas o facto de a pessoa fazer tudo, ou pelo tentar nesse sentido, para que a nossa felicidade seja a sua prioridade, esquecendo-se da sua. É o amor incondicional que todos nós procuramos.

P.S. Mãe, desculpa, sei que nunca lerás esta carta, e que provavelmente nunca te direi estas palavras, és tudo o que sempre quis ser, e como dizias sempre 'quando o amor é incondicional, não nos esquecemos e por muito que demore a distância e ausência será sempre suprimida, nem que seja por breves instantes, mas que esse instante seja guardado para a eternidade!'. Por isto é por tudo, OBRIGADO MÃE!

Nando Mendes

CONTRIBUTOS PARA A PRESERVAÇÃO DA NOSSA CASA COMUM

O principal objetivo de vida da grande maioria dos jovens e restante população é a perspectiva de ter um emprego gratificante, tanto do ponto de vista financeiro como pessoal, porque só desta forma conseguem vingar numa sociedade competitiva e materialista, como são as sociedades desenvolvidas.

Para se poder afirmar no mercado de trabalho é necessário ter uma licenciatura ou grau académico superior, mas também competências ou as chamadas “professional skills” que os diferenciem dos demais. Estes parâmetros fazem parte da sociedade que produzimos, no contexto dos valores e normas que construímos e que relevam a dimensão financeira para um nível muito superior ao das necessidades físicas e psíquicas. O valor material das coisas, a sua subvalorização e a sua dependência impuseram-se como forma de vida. Vivemos numa sociedade de incerteza face aos riscos, onde o amanhã é algo que se apresenta como longínquo, pelo que o indivíduo procura, em cada momento, da sua existência retirar todo o prazer que consegue dos recursos à sua disposição.

Estamos mais hedonistas e menos preocupados com o mundo e com os outros, apesar de estarmos cada vez mais ligados através de uma sociedade informacional, que nos permite encurtar distâncias e diminuir o tempo. Somos responsáveis por interiorizar de forma não interpelativa, o sentimento crescente da procura de pertencer a um grupo, a um estilo, a um *status*, perdendo muitas vezes a essência do verdadeiro “Eu”.

A Sociologia, enquanto ciência, estuda todos estes fenómenos e abre novas perspectivas de pensamento dos que entusiasticamente vestem a pele de sociólogo e que, com a sua lupa, investigam e procuram o entendimento sobre todas estas mudanças que fazem parte do nosso quotidiano e que revelam interessantes formas de encarar o mundo, sem a pretensão de o quererem mudar.

A sociologia desperta a consciência para realidades, fenómenos e causas que outras ciências, através das suas premissas, não se focam para as entender. Os sociólogos têm um conhecimento abrangente das relações humanas inseridas no seu espaço social, o que lhes permite verificar as variáveis que estão subjacentes a comportamentos e identificar factos sociais que revelam as causas desses mesmos comportamentos. No entanto, não fazem juízos de valor, nem dão soluções, apenas constataam a realidade estudada. Seria interessante, através do conhecimento que a Sociologia nos faculta, encontrar as ferramentas e os meios necessários para associar os contributos desta ciência às possíveis mudanças indispensáveis, urgentes, logo necessárias.

É crucial a tomada de consciência, pelos cidadãos, da importância que o seu papel tem, na sustentabilidade da sociedade e do planeta em que vivem, bem como a sua intervenção na preservação dos mesmos.

A comunicação social e os meios de informação disponíveis, têm um papel fundamental não só na divulgação, mas sobretudo, na forma como abordam estas questões. Não podemos esquecer o poder de influência que estes meios têm sobre as populações. Essa influência deveria ser aproveitada para melhorar a consciencialização dos cidadãos, sobre os problemas e comportamentos desadequados que estes têm na sua relação com a natureza.

São muitos os comportamentos inapropriados que o ser humano adota neste domínio. Um exemplo gritante de agressão à biodiversidade e que põe em risco a sua preservação é a situação verificada no considerado pulmão do mundo (Amazónia), pela devastação causada pelo homem num território considerado indispensável para a saúde do planeta e que tem sofrido ataques de muitos que procuram o lucro rápido e fácil, com gravoso prejuízo ambiental.

Esta é uma preocupação que deveria ser considerada como de máxima prioridade, não relativizando o tempo e o espaço, numa intervenção que deveria ser imediata. O mesmo podemos identificar nos nossos oceanos que estão a ser invadidos por uma quantidade, sem precedentes, de plástico e resíduos depositados pelo homem, e que destroem o habitat marinho, repleto de faunas essenciais para a diversidade e sustentabilidade das espécies.

A indústria petrolífera é outra questão que tem levantado preocupações, pela sua responsabilidade na produção de gases que, com base em evidências científicas, sustentam a ideia de que os efeitos da queima dos produtos derivados de combustíveis fósseis, provocam poluição e são nocivos para o ambiente.

Outra das preocupações, de não menor importância, prende-se com o aumento demográfico. Embora o crescimento populacional não se verifique distribuído de igual forma, o seu aumento significativo, em especial nas últimas décadas, pode trazer consequências graves para a sustentabilidade do planeta. Se analisarmos os dados disponíveis, verificamos que em 2011 éramos sete biliões de pessoas, e que tivemos um crescimento de um bilião em apenas doze anos (em 1999 éramos seis biliões).

Considerando que levámos um século para passar dos cinco para os seis biliões, este crescimento acelerado deve ser tido em consideração. O aumento da população tem por base a redução das taxas de mortalidade e como resultado o envelhecimento da população, o que significa que a evolução da medicina e da tecnologia trouxe benefícios para a saúde e, por sua vez, para o aumento da esperança média de vida à nascença. Porém, apresenta alguns aspetos negativos. Por um lado, de acordo com a teoria malthusiana, tem como consequência a escassez de recursos necessários para satisfazer as necessidades básicas da população, sendo que cada país será afetado de diferentes formas. Por outro lado, a teoria reformista defende que este crescimento populacional tem como principal causa a pobreza e que, não será problema, se os Governos intervirem com políticas e reformas sociais para diminuir a pobreza e aumentar a produção e, assim, minimizar o problema da superpopulação.

Perante estas questões é urgente uma mudança de paradigma relativamente à forma como encaramos esta realidade. Os interesses económicos prevalecem nas nossas sociedades. Os poderes políticos fecham os olhos às preocupações ambientais, muitas vezes por razões perversas, deixando que as grandes indústrias continuem com uma postura anti ambientalista, a fim de manterem a sustentabilidade dos seus negócios.

É nesta dialética entre a necessidade de promover o desenvolvimento da economia e a preservação do meio ambiente, que os nossos governantes deveriam concentrar esforços para encontrar soluções que contribuam para uma economia sustentável e não coloquem em risco as gerações futuras. No entanto, parece haver falta de sensibilidade por parte do poder político para estas questões. Os discursos políticos são inundados por conceitos economicistas, preocupações de uma sociedade capitalista que promove o desenvolvimento tecnológico e materialista da vida, em desfavor de um bem comum – o planeta Terra – que neste momento, corre perigo e poderá desaparecer mais depressa, se nada for feito para contrariar esta tendência. Somos constantemente confrontados, com problemas sociais, económicos e ambientais que colocam em risco o mundo tal como o conhecemos. Para contrariar este rumo será necessária disponibilidade, não só dos governantes, como também da sociedade civil, de modo a encontrar soluções e novos caminhos que promovam uma vida de qualidade, tanto para as nossas gerações como, principalmente, para as gerações futuras.

Gabriela Caldeira

A 13 DE MAIO...

Passado 1 ano do centenário das aparições de Fátima, é importante analisar o acontecimento do ponto de vista histórico, teológico e físico, dando atenção tanto à explicação oficial de Lúcia, mais tarde aceite pela Igreja Católica, bem como a explicações alternativas do evento que marcou a história da Igreja em Portugal. Mas de algo não nos podemos esquecer: qualquer que seja a explicação, oficial ou não, estas parecem não passar de especulações, visto ser muito difícil virmos a saber o que realmente se passou naquele dia, na Cova de Iria. Quanto mais explicações se dão para este evento, mais perguntas pairam no ar. Penso que este evento pode ter sido mais um fenómeno extraterrestre que outra coisa, no entanto, existe uma grande incerteza e duvido que seja a própria Igreja a esclarecê-la um dia.

Antes de mais, quero publicar aqui 1 artigo que confundirá a maioria dos leitores, tal como me confundiu a mim: <http://www.dn.pt/sociedade/interior/anuncio-no-diario-de-noticias-previa-fatima-dois-meses-antes-5715728.html>.

Esta notícia do Diário de Notícias, dá conta que um anúncio neste mesmo jornal previu as aparições de Fátima dois meses antes destas acontecerem. Este foi publicado por um grupo de espíritas de Lisboa e do Porto que previam um dia muito feliz, que traria o fim da guerra que nos martirizava a 13 de Maio de 1917.

Esta previsão pode suscitar várias questões, entre as quais: Quem avisou os espíritas? A Igreja Católica sabia do que se ia passar a 13 de Maio?

Segundo o historiador Joaquim Fernandes, o mensageiro dos espíritas fora uma entidade autodenominada de Stella Matutina (Estrela da Manhã), através de percepções sensoriais que ultrapassam a nossa visão de espaço e de tempo. Curiosamente, Estrela da Manhã é um dos outros nomes chamados a Lúcifer, o anjo que caiu do Céu e que ambicionava ser maior que Deus, transcendendo-o. Vénus é a Estrela da Manhã e muita mitologia (Phosphorus na mitologia grega, por ex.) associa Vénus ao portador da luz que, mais tarde na Bíblia é representado por Lúcifer. Estes mesmos espíritas alegam ter previsto também a morte do Rei de Portugal e Manuel de Arriaga para Presidente da República.

Aqui se levanta a questão: poderão estes espíritas manter contacto com Seres Extraterrestres ou de outras dimensões e assim prever acontecimentos históricos? Será que o 13 de Maio se tratou de um fenómeno extraterrestre?

É sabido que o Pai do Espiritismo, Allan Kardec (não, não é o jogador do Benfica, mas o seu nome provem do espiritista) afirmava manter contacto com espíritos e outro tipo de entidades, tais como extraterrestres. Talvez aquela luz incessante e a aparição de uma entidade aos pastorinhos se tenha tratado de um evento extraterrestre que até já podia ser sabido pela Igreja ou não existisse a probabilidade do evento ter sido planeado com aparições prévias a esta. Claro que para 3 crianças do mundo rural e analfabetas, qualquer coisa que parecesse fora do normal era um êxtase religioso, ou pelo menos os pais, os padres e a própria Igreja os fariam acreditar nisso.

A ligação da Igreja a extraterrestres não é incomum e até existem rumores fortíssimos que o Papa João XXIII manteve contactos com entidades alienígenas. Um Padre do Vaticano, amigo pessoal do Papa e um dos maiores exorcistas do Vaticano, Consignor Corrado Balducci, não só afirma a existência de extraterrestres, como os descreve e declara que a Igreja Católica sabe da existência dos mesmos.

Também Edgar Mitchell, sexto astronauta a andar na lua confidenciou a Podesta, chefe de campanha de Hillary Clinton que existe uma guerra no Espaço entre raças extraterrestres e que o Vaticano está a par de tudo (<https://www.youtube.com/watch?v=SdQn-77QIJA>).

Este tipo de aparições não é novidade para o mundo, nem sequer para Portugal. No século XVIII, no concelho de Marco de Canaveses é relatada uma aparição idêntica à de Fátima com três pastorinhos. No entanto, esta história não teve o sucesso da Nossa Senhora de Fátima, talvez porque embora a época das Luzes se aproximasse, ainda assim a solidificação da Igreja no nosso País fosse bem maior do que em 1917, o que levou a Igreja a não precisar deste tipo de história para cimentar a sua forte posição. É possível mesmo que isto tivesse uma ponta de subversão para a posições cimeiras da Igreja Católica da época.

Estas histórias tiveram grande impacto cultural, social, religioso e político no nosso País e partilham algo em comum: após o terramoto de 1755, as ideias iluministas começaram a propagar-se um pouco por toda a Europa e Lisboa não foi excepção. Também em 1917, os ideais republicanos e anticlericais ganhavam força no nosso País. Isto provocou um declínio no poder da Igreja Católica em terras lusitanas e galegas. É difícil saber se a Igreja já sabia destes eventos, se foram orquestrados pela mesma, ou se apropriou dos mesmos e convenceu os intervenientes a olharem para estes eventos de maneira religiosa. Mas uma coisa é certa, estas aparições fortaleceram o poder católico em Portugal.

Na minha opinião, a Igreja apropriou-se deste acontecimento de maneira a reafirmar poder em Portugal, especialmente numa altura em que Afonso Costa, muitas vezes chamado de Anticristo se encontrava no poder e o grande inimigo chamado comunismo parecia perto do poder. Esta foi uma das fases da história de Portugal mais conturbada para o Catolicismo e as aparições de Fátima, propositados ou não, vieram mesmo a calhar. A Igreja criou assim um “mito” que veio aumentar a popularidade católica em Portugal e dar força ao movimento, o que contribuiu bastante para a instauração da Ditadura Militar e para o fortalecer da relação Igreja-Estado depois de 1933. O Cardeal Cerejeira, estritamente ligado a Salazar, afirmou ao na altura Ministro das Finanças que Nossa Senhora de Fátima tinha incumbido Salazar da missão de liderar os destinos do País. Para além de um bom reforço de poder da Igreja em Portugal, este também acabou por ser uma grande jogada política.

Vinte&Uno

TOURADAS

A grande tradição portuguesa, que se insiste em manter em pleno séc. XXI, onde a modernidade é algo quase implícito e os conhecimentos acerca de tudo são cada vez mais abrangentes. E, no entanto, as touradas ainda existem. Uma tradição que tem como objetivo entreter um grupo de pessoas que se entretêm a ver um estilete a penetrar a pele de um touro, a ver o sangue a sair, o touro a desistir, e o forcado a sair vencedor, viril, másculo. Na verdade, não sei se é este a principal razão de entretenimento, pois não sei qual o entretenimento de ver animais a sofrer. “Mas os touros não sofrem”. Pois não. Já ouvi dizer que os touros têm uma camada de pele e pelo tão grossa que não sentem o espetar do estilete. Quem me dera que isso fosse verdade...

Os touros utilizados nas touradas são de uma raça específica, retirada desde cedo do seu habitat natural e posta em minúsculas jaulas onde passam maior parte do tempo da sua vida, para além daquele que passam a ser expostos a situações de grande stress, para que estejam enraivecidos o suficiente no momento ideal; porque apesar de se crer que a cor vermelha enfurece os touros, isso não é verdade. Aquilo que enfurece os touros é o abanar da capa, a atitude de os desafiar (e o já terem sido expostos a muito stress anteriormente).

Os animais não têm a mesma capacidade de raciocínio que as pessoas – é importante frisar isto pois nem sempre parece ser assim tão obvio. Mas sentem. Sentem amor, raiva, tristeza, felicidade, paz e dor. E se nós, pessoas, seres vivos e racionais, sabemos o que é sofrer – o que é ter frio, fome, sede, dor física ou mental, sentir solidão – e sabemos o quanto dói, porque é que haveríamos de meter quem quer (ou o que quer) que seja numa posição propícia a isso? Os animais podem não pensar, mas suponho que a sensação de dor física não se afaste assim tanto da nossa, o que dói, dói. E ainda assim, não há um mínimo de piedade pela dor causada a outro ser vivo.

Para além dos touros, também os cavalos sofrem. Os cavalos são dominados e castigados pelos cavaleiros, que lhes impõem respeito e medo, espetando-lhes as esporas (pedaço de metal pontiagudo que se mete na parte de trás do calçado para espetar no animal em que se está a montar) na barriga, o que os transtorna de tal forma que os faz esquecer do perigo que o touro representa e os abstrai disso, tornando-os capazes de enfrentar assim o outro animal. Acredito que metade das pessoas que assistem a touradas não concorde com o sofrimento do cavalo, mas não tem conhecimento disto. A outra metade provavelmente concorda porque, o que é que interessa mesmo? São animais irracionais. Eles que sofram, não faz diferença.

Porque é que é errado matar pessoas? Espancar pessoas? Raptar pessoas e mantê-las presas num espaço fechado? Qual é a diferença entre fazer estas coisas a pessoas ou fazer estas coisas a animais? Os animais vivem. Os touros vivem. Os touros sentem. Ou só está errado quando somos nós próprios a sentir? Só dói quando somos nós próprios a sofrer? Não consigo deixar de me questionar acerca de um monte de coisas para as quais a resposta parece tão óbvia.

“É tradição.” Também é tradição numa tribo australiana realizar-se um ritual de iniciação à vida adulta dos rapazes, que consiste em fazer uma circuncisão de forma muito primitiva, em que o jovem no final engole o seu próprio prepúcio; noutra tribo na nova Guiné, também é tradição fazer com que as meninas iniciem a vida sexual entre os 6 e os 8 anos e os meninos entre os 10 e os 12; era tradição queimar vivas em fogueiras mulheres que se acreditava serem bruxas; se não consideram comparável tradições que provocam dor a pessoas, também é tradição na China cozinhar cães (metendo-os na água a ferver ainda vivos porque se acredita que de alguma maneira o seu sofrimento deixa a sua carne mais tenra) e vender a sua carne para consumo; em Portugal, era tradição pôr um gato dentro de um vaso em cima de um poste com cordas, ateando fogo às cordas para que chegasse ao vaso e, por sua vez, ao gato. E agora pergunto-me, qual é a diferença entre uma tradição que provoca sofrimento a um humano, a um cão ou gato e a um touro? (Ou terão as pessoas que gostam de touradas mentes tão retrógradadas que acreditam que apenas o ser humano não deve ser exposto à dor desta maneira?) As tradições são a transmissão de costumes ao longo de gerações, e ao longo destas gerações já evoluímos muito, desenvolvemos cada vez mais o nosso próprio ser e tudo o que nos rodeia, e desenvolvemos as nossas crenças e ideias com o conhecimento que fomos ganhando. Por isso manter vivas tradições desumanas e sem sentido nenhum é apenas comprovar que ainda temos um longo caminho pela frente até chegarmos a ser um animal, de facto, racional. Porque as touradas não são algo racional.

Pergunto-me se quem assiste regularmente a touradas e tira prazer disso não se questiona nenhuma vez acerca do sofrimento que está a causar ao animal, da dor que está a sentir ou da tortura por que está a passar aquele ser que come, bebe, dorme, tem filhos e cuida deles como nós humanos, ainda que não formule pensamentos racionais. Pergunto-me se terão sofrido tanto ao longo da sua vida, se terão sido tão infelizes que causar dor física a um ser inferior lhes alivia minimamente a sua própria dor... pergunto-me até que ponto estes seres racionais pensam mais que os próprios touros, uma vez que a sua cabeça não consegue raciocinar que dor é má, e é errado causar dor a quem a sente.

Infelizmente sei que aquilo que é óbvio para mim não é tão óbvio para outros, tal como há quem continue a acreditar que as mulheres são inferiores, que as pessoas de outra cor ou raça são inferiores, que o Trump é um bom presidente e que pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo são doentes ou merecem menos que os outros. Apesar de cientificamente incorreto, é do senso comum que o ser humano se desenvolveu a partir dos macacos, e embora nem todos os macacos se tenham desenvolvido em humanos, parece que muitos seres humanos não se desenvolveram muito para além do macaco. Esperemos que um dia todos cheguem a uma fase de desenvolvimento que chegue à empatia.

“Empatia – capacidade psicológica para sentir o que sentiria outro alguém caso estivesse na mesma situação vivenciada por ele. Consiste em tentar compreender sentimentos e emoções, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que sente outro ser.”

Camila Peixinho

PUTIN

Embora o poder da propaganda russa no Ocidente, e particularmente na UE, já tenha algumas décadas, esta tem vindo a ser mais discutida desde a crise entre a Rússia e a Ucrânia de 2013. A Rússia tem vindo a aumentar o número de simpatizantes, um pouco por todo o espectro político. Se o Kremlin precisa de simpatizantes inventa-os ou paga-lhes bem. Não que a Rússia seja responsável por todos os adeptos Pró-Russia da UE, mas que lhes dá um certo empurrãozinho, não haja dúvida. Desde notícias falsas a opinion-makers formatados, Moscovo utiliza todos os meios para destabilizar o Ocidente ao máximo.

A Rússia de Vladimir Putin tem funcionado como um sistema de monopólio político. Embora admita a criação de partidos políticos, o Partido Rússia Unida (United Russia) controla facilmente todos os outros partidos e até lhes dá ordens. Uma grande razão para este controlo não só político, mas também das massas pode-se associar ao grande ecletismo ideológico do Kremlin. Embora seja normalmente apresentado como um poder conservador, o Kremlin não tem uma ideologia bem definida no espectro político-ideológico. O objectivo é exactamente servir todas as partes e criar uma união incomparável no povo russo. Esquerda e direita, nacionalistas e separatistas, tradicionalistas e pós-modernistas, Moscovo tenta uma política que não só sirva o interesse nacional, mas também o regime e a prosperidade do mesmo.

Apesar de aparentemente não existir ideologia russa, a verdade é que existe um responsável por tudo isto: Vladislav Surkov – Homem de negócios e conselheiro pessoal mais próximo do Presidente Russo, é considerado por muitos como o homem mais poderoso e influente da administração Putin. A ideologia que formulou apelidou de democracia soberana. De acordo com o mesmo, democracia soberana trata-se de “a vida de uma sociedade onde os poderes políticos, suas autoridades e decisões são decididas e controladas por uma nação russa diversa com o objetivo de alcançar o bem-estar material, liberdade e justiça por todos os cidadãos, grupos sociais e nacionalidades, pelas pessoas que o formaram.”

Como adjunto da administração, este encontra-se 1 vez por semana com os dirigentes das estações de televisão no Kremlin, passando-lhes instruções acerca de quem devem atacar e quem devem defender, quem é permitido aparecer em directo e quem está banido, chegando à maneira como Putin deve ser apresentado em TV.

Uma das alcunhas de Surkov, é exactamente political technologist de toda a Rússia”. Political Technology é um termo pouco familiar no Ocidente – é o eufemismo usualmente usado nos antigos Estados Soviéticos, para designar uma indústria altamente desenvolvida de manipulação política. Estes political technologists têm ajudado o Kremlin a alcançar total controlo do processo político na Rússia.

“Moscovo pode actuar como uma oligarquia de manhã e uma democracia à tarde, uma monarquia ao jantar e um estado totalitário ao adormecer.”

Actualmente, as técnicas dos political technologists sistematizaram-se e coordenaram-se fora do escritório de Surkov. Ao invés de simplesmente oprimir a oposição, como no século XX, este novo tipo de autoritarismo entranha-se em todas as ideologias e movimentos e leva-os ao absurdo. Por isso é que de um momento para o outro, Surkov financia fóruns cívicos e NGO's de Direitos Humanos, e depois apoia os movimentos nacionalistas que acusam as NGO's de serem ferramentas do Ocidente. Num ápice, passou de patrocinador de artistas modernos lascivos e provocativos de Moscovo, para apoio de Ortodoxos fundamentalistas, que atacaram exposições de arte moderna. O objectivo passa por manter todos os movimentos dentro de portas, e bem controlados.

Aleksandr Bovdunov, escreveu em evrazia.org: “reconhecendo a natureza do conflito civilizacional Rússia-Oeste, nós pretendemos destruir o Oeste na sua corrente forma como civilização. Devemos dar prioridade àqueles que são direccionados para a destruição da identidade civilizacional europeia moderna. Os grupos que podem actuar neste objectivo incluem sectores totalitários, movimentos separatistas, Neo-Nazis e movimentos racistas, anarquistas e anti-globalistas, radicais ambientalistas, Euro-cépticos, isolacionistas, imigrantes ilegais, etc.” Esta é a forma de actuar russa. Cinismo e ecletismo contra a Europa.

Putin e a sua equipa abordam estrategicamente o manuseamento e doseamento da informação, tanto dentro da Rússia como numa escala maior de comunidade global. Repressão de jornalistas dissidentes, fake news, trolls, propagação de ódio pela América ou pela EU, são algumas das muitas façanhas destes senhores.

Os russos apelam à direita com a sua visão conservadora e tradicionalista, e apelam à esquerda, essencialmente, pelo seu anti-americanismo. Várias teorias da conspiração, tal como o envolvimento norte-americano no ataque de Charlie Hebdo são propagadas pela Rússia para incentivar a um ódio colectivo à América.

Os grupos que podem actuar neste objectivo incluem sectores totalitários, movimentos separatistas, Neo-Nazis e movimentos racistas, anarquistas e anti-globalistas, radicais ambientalistas, Euro-cépticos, isolacionistas, imigrantes ilegais, etc.

A infiltração russa nos meios de comunicação e na opinião pública ocidental, tem vindo a influenciar em grande escala a relação ocidental com a figura de Putin.

Com o Russia Today (RT) em particular, Putin criou uma realidade alternativa quer na TV, quer online. Notícias com sabor a Vodka. O RT gera mais visualizações no Youtube que qualquer outro canal no mundo que vitimiza a Rússia perante o Ocidente Imperialista. A retórica é basicamente: “O nosso imperialismo é mais cool e tem mais incesto do que o vosso, daí termos mais legitimidade que a Fox News para o fazer”.

Com um financiamento em 2005 de 30 milhões de dólares, e gradualmente aumentando para 300 milhões em 2010, a companhia televisiva controlada pelo Kremlin, vem-nos dar as mais frescas teorias da conspiração sobre a América e a União Europeia. Estes mantêm os seus seguidores bem confusos com notícias falsas, notícias verdadeiras e meias-mentiras sobre o mundo Ocidental.

A editora do RT, Margarita Simonyan, admite que o seu canal apresenta o mundo a partir de princípios expressos pelos representantes do Estado Russo, mas argumenta não ver problema nisso, visto que todos os outros canais o fazem. A lógica é claramente, ele faz, eu faço também. No entanto, estamos perante um Kremlin que implora diariamente ao Ocidente para acabar com as fake news e a parcialidade acerca da Rússia.

Para além de uma boa relação, Vladimir Putin puxou da sua veia romântica e de gentleman ao oferecer flores à editora. Com um financiamento em 2005 de 30 milhões de dólares, e gradualmente aumentando para 300 milhões em 2010, a companhia televisiva controlada pelo Kremlin, vem-nos dar as mais frescas teorias da conspiração sobre a América e a União Europeia. Estes mantêm os seus seguidores bem confusos com notícias falsas, notícias verdadeiras e meias-mentiras sobre o mundo Ocidental.

O RT publica todo o tipo de notícias estranhas, desde avistamentos de extraterrestres, até implicar sempre o Governo norte-americano em corrupção ou incompetência, uma vez sem razão, outras com bastante razão.

Até uma notícia sobre a Area 51 saiu como o grande escândalo revelado, quando o que a notícia continha era apenas um oficial do Governo a confirmar a existência da mesma como base para testar novos aviões.... Exactamente a versão oficial do Governo, sem teorias da conspiração, sem extraterrestres e sem drama.

Mas não nos fiquemos por aqui: Alex Jones e Jesse Ventura... estão a ver? Dois dos maiores difusores de teorias da conspiração Anti-NWO na América com programas de rádio e televisivos, também eles têm ligação à opinião pública que o Kremlin quer implantar no Ocidente.

Alex Jones já foi apelidado de um “verdadeiro herói americano” por Alexander Dugin, o actual Rasputin de Putin. Alex Jones, para além de já ter grande historial nos media pró-russos, ainda é o conselheiro pessoal de Trump no que toca a teorias da conspiração. Lembram-se da Suécia? Aqui estão algumas notícias do Infowars acerca dos refugiados nesse País:

<https://www.infowars.com/sweden-migrants-responsible-for-90-of-shootings/>

<https://www.infowars.com/trump-and-the-truth-about-sweden/>

<https://www.infowars.com/trump-right-about-swedish-rape-epidemic/>

No entanto, ao terem financiado a ida de um jornalista a Malmo, como forma de evidenciar provas de um perigo islâmico eminente na Suécia, a Infowars encontrou poucas evidências de uma onda de ataques islâmicos no País. No documentário diz-se “se isto é o pior que Malmo tem para oferecer, então nunca venham a Chicago” Basicamente, a opinião pública dos teóricos da conspiração americanos é largamente controlada pelo Kremlin.

Mas a influência russa no Ocidente não se fica por aqui: numa manifestação Anti-Merkel e Anti-Refugiados na Alemanha, foram avistadas várias bandeiras russas. Ao que parece, o saudosismo da Era do Muro de Berlim ainda não chegou ao fim. Concluindo, é importante ressaltar a importante influência de Putin e da sua ideologia pró-russa nos media ocidentais. O controlo dos media é o controlo do pensamento e o controlo das massas, e a imprensa Ocidental pró-Putin, teve um papel importante na maioria dos movimentos de extrema-direita ou extrema-esquerda anti-globalistas e podem até ter tido um papel de suprema importância na eleição de Trump e na popularidade de Le Pen.

Tiago Tecelão

VÍCIOS

Os vícios, cientificamente, são definidos por uma dependência (crónica), uma doença ou um hábito repetitivo que degenera o indivíduo (e os que o rodeiam). Neste sentido, tanto a ciência como a sociedade em geral vê os vícios como algo anti natura e que leva o indivíduo ao prejuízo. Isto é, a visão que se tem do vício é de algo que não constitui qualquer benefício, sendo por isso mal visto.

Daí que todos recusem ser associados a qualquer tipo de vício, e muito menos vistos/rotulados como “viciados”. No entanto, a visão que tenho é de que, o vício pode ser mau para o indivíduo e para a sociedade, porém não existe causalidade direta entre o vício e a “perdição”. Acredito portanto, que do vício advêm benefícios, e temos exemplos disso nas mais diversas áreas da sociedade, sendo que, a área da arte é a que mais se destaca.

Temos exemplos de músicos, pintores, realizadores de cinema, etc, entre os quais o vício criou verdadeiras obras-primas. Estes vivem e convivem com esse vício tornando-se melhores “versões” de si mesmos, conseguindo “extrair” o que há de melhor neles próprios e naqueles que os rodeiam. Por isso, não só acredito que os vícios podem (aliás são) ser maus e prejudiciais, mas também é bom e benéfico, dependendo da capacidade que o indivíduo tem para reagir e interagir sob esse mesmo vício. Relembrando que todos temos vícios, uns considerados bons, outros que não são vistos como tal, nenhum Ser Humano consegue ver-se livre de vícios e hábitos.

Encorajo todos a encontrarem o vício que vos torne melhores e sob o qual se sobressaia a melhor versão de vocês (e que acima de tudo não vos danifique). So Ladies and Gentlemen: Pick your Poison!

O Corvo



ACRESCENTA UM **PONTO**

CARNE E OSSOS

De que são feitos os homens?
De sonhos e utopias,
Que se desfazem noutros lugares,
Que sucumbem todos os dias?
São feitos de pó e desgraça,
De carne cravada em terra,
Volidos numa ameaça
Que a chama negra encerra.
E os sonhos não esvoaçam?
São reflexos do passado,
Cantigas insólitas que não passam
De ludíbrios ignorados.
O que são os homens, afinal?
Pedaços de ossos em movimento,
Ou sacrifícios de um ritual
Que se queimam com o tempo?

agosto de 2017

José Veiga

DEPOIS DA CALÇADA, TAMBÉM HÁ PEDRAS

Sentia-me doente. Havia em mim uma qualquer estranha inquietude no espírito; um remoer nas profundezas cuja origem não conseguia descortinar; uma agitação tão violenta quanto o podem ser os anseios desconhecidos. Os dias tinham o condão de se seguirem uns aos outros sem interrupção e o fervilhar teimava dentro de mim em não cessar. Longe dos obtusos olhares que sempre me rodeavam procurei refúgio libertando lágrimas que dos meus olhos vertiam; com elas, ou arrastado por si, saía-me o peso do peito, que num instante se repunha quando mais água não havia. Cedo se tornou fraco remédio para a magnitude do que me corroía.

As entranhas consumiam-se num apetite voraz ao qual não conseguia fugir. Ordenei que me vestissem tecidos nunca ostentados, me dessem a comer carnes nunca caçadas, me dessem a beber chás de ervas nunca plantadas, me dessem a tragar néctares jamais provados. Tudo fiz para expulsar o inquietamento que me entorpecia a carne e alvoraçava a mente. Uma e outra desconectadas e opostas perante o ensombramento.

Repousado na cama, tocando os dedos nos lençóis de seda, agitava-se a respiração, pressionando o peito numa cadência gradualmente maior, empurrando as paredes contra a pele, obrigando-a a suster os ímpetos violentos dos pulmões. Na boca, era tanto o ar que sofregamente se empurrava para a saída, que em luta entre si, acumulava-se e entupia o caminho. Já não entrava nem saía, numa indecisão incompreensível, e era o suor quem agora dava ares de si; não fosse a vida a fugir-me e seria interessante ironia. O peito apertava-se contra si próprio, esmagava-se; a água soltava-se do corpo quente e a tremer, encharcando o redor; o coração acelerava, como querendo sair por onde não saía o ar, e bombeava-me o pescoço; aos ouvidos não havia já som que lhes chegasse para além do próprio corpo implodindo em desespero. Abro a boca, querendo gritar, enche-se a cabeça com o som que de lá não sai e cravo na pele as unhas que a rasgam e arrancam. Dos olhos sai a cor e fica o branco. Contorço-me com uma dor que não sinto, mas sei ter, e tento novamente gritar. Sai um som e repito o gesto e grito. Grito todo o ar que podem os pulmões armazenar e grito tão alto como pode a garganta gritar. Grito até deixar os ouvidos estalar e grito até a carne no pescoço arrancar. Grito um grito com som de alma e deixo-me ficar. É profunda, a respiração. Ficou um silêncio que sabem as gentes não existir. Ouvi-o eu. Um silêncio tão alto que terá ecoado para lá das margens do rio Eufrates. Um silêncio que nunca havia alguém ouvido. Ficou o sangue nos lençóis e na roupa, o corpo desfeito por fora e recomposto por dentro.

Fez-se dia e ordenei em todo o reino o cessar imediato de qualquer actividade que se fizesse ouvir a mais de dois metros de distância. A minha felicidade seria a partir daquele dia, a felicidade de todo o meu povo. Com eles partilharia dali em diante a minha revelação. Os poucos conselheiros que ousaram duvidar das minhas ordens, mandei-os decapitar com o menor barulho possível. Em todo o palácio estaria proibido dali em diante o uso de fala fora do salão de reuniões. Era tempo de espalhar a boa nova. Aos infractores, castigos severos seriam aplicados. Aos outros, a felicidade e paz suprema seria concedida. Ordenei que em todas as cidades do reino, se mandassem erigir casas de silêncio; dois dias por semana, teriam todos os cidadãos, de todas as raças e idades, de permanecer uma hora nestas casas, de forma a que pudessem sempre atingir o potencial de felicidade.

Passou-se o tempo, esse estranho ser que teima em não ficar. Passa por nós, faz-se sentir sempre em todos os momentos, e desaparece sempre, regressando noutra forma, nunca igual. Escrevo-vos as minhas memórias, ouvindo o crepitar da tinta manchando o papel; como fogo que marca onde passa. Diminui a contestação ao meu reinado depois de construídas todas as casas, diminui o crime e com ele, as execuções. As pessoas sorriem na rua, brotam contentamento e sorrio eu também, por dentro, que não poderá um monarca transparecer emoção. Quis o destino que para além de monarca, também objecto de adoração passasse a ser, e começaram as pessoas em romarias ao palácio. Afastá-las da divícia que me rodeava pareceu-me necessário e ordenei então edificar um pequeno edifício, sóbrio, quase pobre e mandei transmitir que aquela seria a minha habitação nos tempos vindouros. Mais felizes ficaram as pessoas com o seu tão próximo e humilde rei. Continuei a viver onde sempre morei, na casa que me iluminou, mas isso não poderiam os meus súbditos saber.

Tenho cansaço no corpo e felicidade na alma. Há descanso no espírito, tranquilidade que ilumina o interior de vida. A bajulação que me direccionam nada mais é que a gratidão que transborda dos seus pequenos corpos. Perceberam que mais que grandes casas e posses, o que lhes dá vida é a felicidade, a contenção e regerem-se sempre pelos ensinamentos transmitidos. Não mais exigem fortuna e isso é realização suprema em si. Estou velho. Custa já o ar a sair do corpo, e as palavras ficam não poucas vezes entaladas. Para sempre ficará a revelação; o que sempre se procurou, foi achado.

Aos meus seguidores e compatriotas, atentem o que escrevo de seguida e cumpram com a vossa vida:

Esta Terra que habito, Terra de felicidade e amor, Terra pura, que seja para a eternidade o centro do mundo, que seja de agora em diante, a Terra Etérea

Que protejam, dignifiquem e assegurem a continuidade da Terra Etérea

Que dêem a vossa vida, não perdendo o sorriso do rosto, contra aqueles que atentarem contra a Terra Etérea

Jamais, em algum momento, percam o sorriso do rosto

Vivam para cumprir os preceitos ensinados

Espalhem a todo o custo a felicidade que descobrimos

Vivam sempre no e para o silêncio.

Rodrigo Rufino



PASSA 0 TEMPO

BANDA DESENHADA E MEMES SOCIOLÓGICOS

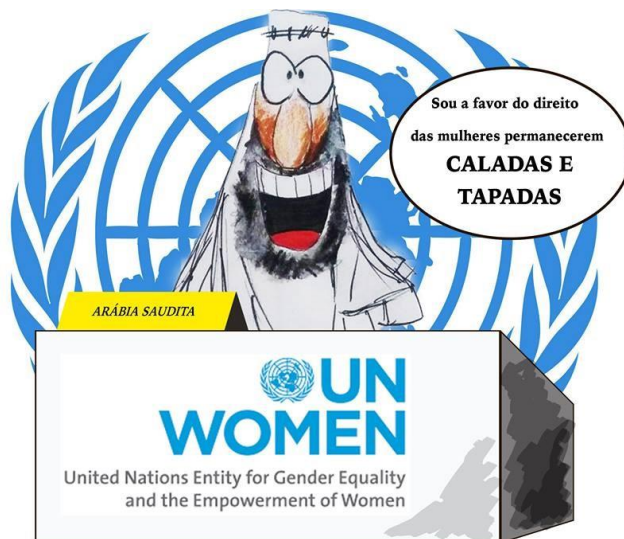


Imagem 1. Comissão dos Direitos das Mulheres? Para a Arábia Saudita decorre sem mulheres (talvez numa sala separada).

Inês Caldeira e Tiago Tecelão

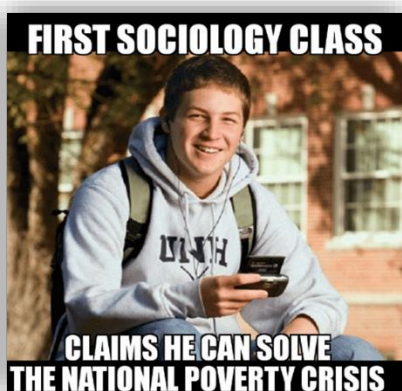


Imagem 2. First Sociology Class – Meme

Fonte: <https://pics.me.me/first-sociology-class-claims-he-can-solve-the-national-poverty-29422744.png>

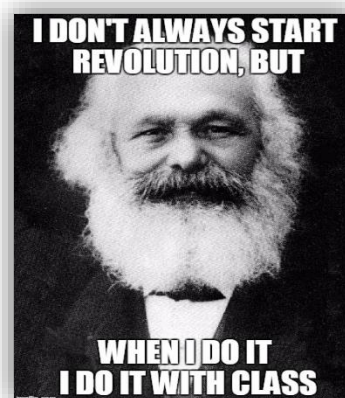


Imagem 3. I don't always start revolution – Meme

Fonte: <https://i.imgflip.com/soewb.jpg>





NESISCTE